



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

ELECTI EDUCACIONAL
COMPETÊNCIAS
SOCIOEMOCIONAIS

1 - Competências Socioemocionais

A Electi Educacional apoia as escolas que desejam se preparar para os novos paradigmas de um mundo complexo e para se tornarem cada vez mais protagonistas, a partir da identidade construída ao longo de sua trajetória em Educação.

Em razão dos anos de experiência ao lado de clientes que são referências em diversos perfis de escolas, nós acreditamos que respostas simples e fechadas são insuficientes, diante dos desafios sistêmicos como o desenvolvimento das Competências Socioemocionais e da Aprendizagem Ativa.

Por isso, desenvolvemos soluções que valorizam, escutam e preparam os educadores, compreendem as necessidades dos estudantes e promovem o envolvimento das famílias. Tudo isso, alinhado com as diretrizes da BNCC e do Novo Ensino Médio.

Para a Electi, a atenção ao processo é fundamental para a transformação da Educação, pois sabemos que esta só pode existir de forma consequente à transformação das pessoas. Essa concepção tem fundamentação nas teorias construtivistas e em pensadores como Jean Piaget e Paulo Freire.

A valorização das perguntas e problemas como caminhos de aprendizagem e o entendimento de que o erro é parte deste processo também subsidiam as escolhas formativas que fazemos.

Assim, nossa metodologia se baseia na facilitação para a escuta, para a formação de agrupamentos heterogêneos e para o planejamento de intervenções, nos momentos de aprendizagem facilitados, ajustadas aos objetivos das escolas, de modo que os caminhos para os alcançar estejam afinados com as metas desejadas.

Aprendizagem de competências socioemocionais

2- como as crianças e adolescentes desenvolvem a autonomia moral?

De acordo com Piaget, os indivíduos passam por fases diferentes do desenvolvimento da autonomia moral da infância à vida adulta. Da completa dependência das ações de outro adulto (nos estágios de anomia), até a plena independência para determinadas atividades (atingindo estágios de autonomia). Entre um estágio e outro, as fases de heteronomia precisam de inúmeras intervenções intencionais e planejadas para que as crianças e os adolescentes cheguem à vida adulta moralmente desenvolvidos.

Como exemplo, pode-se citar a diminuição das intervenções com alertas e cuidados por parte de familiares ao longo do processo de desenvolvimento da autonomia, por parte das crianças. Quando muito pequenas, precisam estar em vigilância o tempo todo, para que estejam seguras e são muitos os alertas: “cuidado, você pode cair”, “vá mais devagar”, “não corra, pois o chão está molhado”. Com o desenvolvimento da autorregulação, começam a perceber os perigos existentes, sem tantos alertas. Importante destacar que esse processo se dá para todas as pessoas, ou seja, os educadores em sua convivência com os estudantes, acionam mecanismos de regulação que se relacionam não apenas com o que aprenderam ao longo de sua trajetória profissional, mas também em seus processos pessoais e sociais de desenvolvimento.



Assim, o desenvolvimento socioemocional se firma como necessário para educadores e estudantes e a Electi trabalha nestes dois âmbitos: a formação de educadores para a facilitação da aprendizagem e/ou a participação direta, junto aos estudantes, apoiando seu processo de desenvolvimento.

Nesse sentido, trazemos o pensamento de Constance Kamii (1982), como inspiração, citado por Paulo Freire no livro *Pedagogia da Autonomia*.

Nada tenho contra o “bom comportamento”, “respostas certas” ou notas máximas. Pelo contrário, aprovo tudo isso. Mas há uma enorme diferença entre uma resposta certa proferida com autonomia, com convicção pessoal e outra proferida heteronomamente através da obediência (...). Do mesmo modo há uma enorme diferença entre “bom comportamento” adotado autonomamente e o “bom comportamento” resultante da conformidade cega.

Desenvolver a autonomia estimula a ampliação da criticidade, necessária ao desenvolvimento de outras competências que compõem a emancipação dos sujeitos.

Dentre essas competências, estão a criatividade, a antecipação e até mesmo a improvisação, que o cenário de incertezas e a dinâmica de mudanças mais aceleradas do mundo, passaram a requerer.

Destaque-se que a liquidez, definida por Bauman (2001), está nas relações entre pessoas e entre pessoas e coisas, ou seja, com os bens e recursos com que interagem. Todas essas questões são ativadas nas abordagens da Electi, pois o desenvolvimento humano requer metodologias com potência e foco para desenvolvê-las em educadores e estudantes, de forma a qualificar suas relações com o mundo não apenas na perspectiva cognitiva, mas também emocional.

A Assim, a metodologia da Electi coloca educadores e estudantes como centro do processo de facilitação da aprendizagem, indissociáveis, mas discrimináveis, ou seja, entendidos em suas aproximações e diferenciações.

3 - O currículo integral

Em acordo com a conjuntura atual da sociedade, a BNCC segue a proposta nacional de implementação da Educação Integral, que considera todas as dimensões humanas: intelectual, cultural, física, emocional e social. Logo, as escolas, de forma geral, estão desafiadas a organizar os tempos de aprendizagem em vivências significativas e integradoras dessas dimensões. A abordagem de desenvolvimento da autonomia, segundo Paulo Freire, alinha-se com essa proposta.

Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto.

Freire (2013, p. 42)



Experimentar diferentes formas de trabalho em grupo que passam pelos desafios individuais e coletivos, em colaboração ou não, é fundamental para o desenvolvimento de habilidades de convivência e interação social.

A aprendizagem ativa do estudante é posicionamento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e princípio didatizado por educadores como Antoni Zabala e César Coll em suas abordagens de organização curricular.

O trabalho com o interesse dos estudantes, de forma processual e com diferenciação de estratégias, sem perder a integralidade, ajusta-se muito bem com a metodologia de projetos, o que também é citado por diversos educadores e pela BNCC. A presença pedagógica do professor será marcante e ainda mais imprescindível no planejamento e nas vivências dos momentos de aprendizagem. Seu olhar e sua experiência permitirão que siga a avançar em práticas educativas, como cita Zabala (1998; 2002), cada vez mais globalizantes, além de criativas e organizadas considerando sujeitos, tempos e espaços. Por esses motivos, a Electi adota a metodologia de projetos como estruturante em sua proposta educativa.

P Porém, como reorganizar as mediações de sala de aula, após décadas em que esse espaço-tempo tem centralidade na ação do professor de “dar aula”? É possível deixar de “dar aula” e construir momentos de aprendizagem, mais inclusivos e participativos, avançando em qualidade? Esse questionamento está presente de forma explícita ou implícita, em todas as discussões pedagógicas da escola da atualidade.

4 - Como aprendemos: homologia de processos e aprendizagem experiencial

Para apoiar a reconstrução de novas formas de ensino e aprendizagem junto às escolas, a Electi atua no cerne da questão: a metodologia e a ação de facilitação da aprendizagem por parte dos educadores. Se a aula não pode mais ser “dada”, como os professores atuarão? Que recursos mobilizarão? Que estruturação darão para esse momento? O que precisam aprender para transformar a sua forma de ensinar?



O trabalho da Electi junto aos educadores das escolas atua nesta dimensão de forma técnica, mas considerando em igual medida, o “eu” de cada um dos educadores. Assim, o processo de formação de facilitadores visa a transformar a escola, mas a partir da transformação do indivíduo.



Além disso, o processo formativo dos educadores como facilitadores se dá em homologia de processos, utilizando um repertório de abordagens e ferramentas construído ao longo da formação e ampliado na trajetória. Como fundamentação tem-se Donald Schön, para quem “o papel do formador não consiste tanto em ensinar, mas em facilitar a aprendizagem, em ajudar a aprender”.

Fundamental também se pensar que a homologia de processos não pode ser apenas metodológica. Para educar para o desenvolvimento Socioemocional, o educador precisará trabalhar o seu próprio desenvolvimento, nas mesmas competências.

Modelos de comportamento sobre como antecipar e resolver conflitos da vida em sociedade, como se autoconhecer e lidar com as próprias emoções e a dos outros, todas essas aprendizagens precisam de facilitação, durante o processo de desenvolvimento da autonomia. Portanto, não são aprendidas sem intervenção. Desenvolver autonomia não é apenas “deixar fazer sozinho”.

Para além disso, a gestão das emoções, unifica habilidades sociais e emocionais e esta também é uma área de atuação concomitante da Electi: o desenvolvimento socioemocional é trabalhando no processo de facilitação, da mesma forma que a facilitação permite que o desenvolvimento socioemocional se dê.

O modelo proposto pela Electi foi constituído em uma trajetória formativa experiencial, ou seja, considerou o percurso formativo de seus fundadores e primeiros facilitadores, mas também, a construção coletiva com cada grupo de educadores formado.

Esse processo, fundamenta-se na visão de Larossa de experiência:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo.

Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.
(LAROSSA, 2002, p. 143)

Donald Schön também defende a aprendizagem experiencial, especificamente ao aliar experimentação e reflexão, também em alinhamento com a metodologia de projetos.

Como referência inicial de habilidades socioemocionais, considerou-se o modelo norte americano intitulado como Big Five, com cinco grandes domínios, a saber: Abertura à Experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo. A partir desse referencial, de forma a ampliá-lo e propor uma organização contextual com a legislação e a identidade curricular brasileira, desenvolveu-se a matriz curricular Electi com cinco macrocompetências organizativas.



Essa construção considerou todo o processo histórico de facilitações constituído pela Electi e as competências estruturantes da BNCC do Fundamental e do Novo Ensino Médio, destacando-se a aprendizagem processual, entre pares e os pressupostos teóricos anteriormente apresentados.

Neste modelo, além das competências socioemocionais em si, estratégias de facilitação do portfólio da Electi foram pensadas considerando estudos recentes em Neurociência, em especial Programação Neurolinguística (PNL), assim como abordagens de Comunicação Não-Violenta (CNV).

Para o planejamento das situações didáticas propostas, foram pensados instrumentos didáticos que têm como ponto em comum, a criação de interações entre estudantes e educadores. Assim, foram privilegiados jogos, dinâmicas, ferramentas de registro e autopercepção que também se traduzem em instrumentos de avaliação processual, cognitiva e Socioemocional.

A matriz curricular aterrizará nas escolas por meio das Trilhas Ser, material didático que a partir de temas de atualidade e de grande relevância para a formação do indivíduo, trazem narrativas interessantes que promovem engajamento dos estudantes, em proposta de Educação Integral.

5. Escutar para conectar

A Electi Educacional é metodologia, é aprendizagem por meio de projetos e de forma experiencial, é proposta curricular para Educação Integral e, principalmente, é escutar para conectar. Tendo esse último princípio como pilar estruturante, todos os pressupostos pedagógicos seguem a ser aprimorados na relação com as escolas, portanto, em uma caminhada coletiva na construção de objetivos comuns. Em frente, e juntos!



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COLL, C.; MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FEIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

JOHN, O. P. (1990). **The "big five" factor taxonomy: Dimensions of personality in the natural languages and in questionnaires**. In L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 66-100). New York: Guilford.

LAROSSA <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt>

REFLEXÃO Crítica sobre o Pensamento de D. Schön e os Programas de Formação de Professores. *In: XV Seminário Internacional Um Professor que Pensa, uma Escola que Aprende*, 2001, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Escola da Vila, 2001.

VINHA

PERRENOUD, Philippe. **Desenvolver competências ou ensinar saberes? A escola que prepara para a vida**. Porto Alegre: Penso, 2013.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



Vamos
empreender
juntas
o mundo que
sonhamos?



Electi

COCRIA, FACILITA E TRANSFORMA